

Fruições emergentes entre Corpo(s), Sujeito(s) e Saúde: novas triangulações, outros empreendimentos

Resenha do livro: OLIVEIRA, Esmael Alves de (Org). *Diálogos contemporâneos sobre Corpo(s), Sujeito(s) e Saúde: perspectivas cruzadas*. Salvador: Segundo Selo, 2022.

Yuri Tomaz dos Santos

Universidade Federal da Grande Dourados

e-mail: yuri.tomaz90@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4395-179X>

O debate empreendido acerca dos cuidados com os corpos têm nos acenado para a indissociabilidade de compreender o corpo como *locus* de subjetivação, que é tanto produto quanto produtor de inter-relações, amalgamadas na fundição de experimentações que não se esgotam na dimensão de um corpo biológico. Levada à diante, numa releitura das reflexões desenvolvidas em torno do(s) corpo(s), essa discussão nos permite dizer que não existe corpo sem o sujeito e nem sujeito sem o corpo, o que tem sido utilizado como chave analítica de um lado a partir da consubstancialização de corpo-sujeito, enunciada a partir de Maurice Merleau-Ponty (1996) e Thomas Csordas (2008), e de outro do sujeito-corpo, espelhada pela psicanálise e na experiência medicalizada (BASTOS, 2011). Isto posto, visualizamos, então, que corpo(s) e sujeito(s) têm formado uma esteira possível — senão, necessária — enquanto categorias analíticas, com o debate em saúde. É nesse contexto que a obra em tela se projeta.

Organizada pelo antropólogo Esmael Alves de Oliveira, docente da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), e prefaciada pela antropóloga Ceres Gomes Vítora, coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde (NUPACS) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), *Diálogos contemporâneos sobre Corpo(s), Sujeito(s) e Saúde: perspectivas cruzadas* é uma coletânea dividida

em quatro seções, concatenadas em dez produções elaboradas por pesquisadoras e pesquisadores de diversas Instituições e Programas de Pós-Graduação no e do Brasil, desenvolvidas nas disciplinas “Antropologia, Corpo e Saúde”, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGAnt), e “Representações discursivas do corpo, saúde e cura” (PPGpsi), vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, ambos da UFGD, no segundo ano de pandemia causada pela Covid-19¹ em 2021. Momento em que a discussão sobre vigilância, transmissão, aglomeração, saúde mental, comorbidades, mortes e tantas outras estavam (e ainda estão!) marcadamente presentes, e cujas reflexões presentes ao longo da obra nos apresenta um potente e instigante debate sobre corpos, sujeitos/as e saúde (re)pensados a partir não só de perspectivas plurais, mas problematizando e (re)pensando os corpos e as subjetivações em um cenário marcado por emergências discursivas sobre o culto ao corpo e à saúde, por novos processos analíticos-metodológicos, por práticas de medicalização e intermedicalidade, dentre outras questões. A obra é rica em questões e não se esgota nos aspectos aqui destacados.

O primeiro artigo da seção *Corpos, sujeitos e saúde e(m) experimentações analítico-metodológicas*, intitulado *Fazendo o corpo latejar! A pesquisa com afetos na produção de conhecimentos na saúde coletiva*, dos pesquisadores Pablo Cardozo Rocon e Marcos Aurélio da Silva do Programa de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), nos acenam para a necessidade do Sistema Único de Saúde (SUS) levar à cabo o debate empreendido em torno das reflexões/problematizações desenvolvidas nos domínios de gêneros e sexualidades, em que apontam como os diálogos ruminados no fulcro das ciências humanas podem contribuir com as práticas biomédicas, sobretudo nos cuidados relativos à população LGBT, a partir de uma perspectiva humanizada.

O segundo capítulo, intitulado *Duas vidas inventadas: experimento de escrita antropológica*, dos pesquisadores Asher Brum e Aletheya Alves, pesquisadores da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), repensa dois personagens fictícios, provenientes de

¹ A endemia da Covid-19 eclodiu no fim do ano de 2019 na China, causada pelo vírus infeccioso SARS-CoV-2, conhecido como Novo Coronavírus. Em 2020, a OMS decretou estado de pandemia, uma vez que o contágio e dissipação exponencial do vírus espalharia por diversas partes do mundo, causando uma crise sanitária de ordem global. Como doença infecciosa que produz insuficiência respiratória, e considerando seu alto nível de letalidade e disseminação, em vários países foi decretado estado de emergência, em que ações contingentes foram necessárias, como fechamento de comércios, *lockdown*, fechamento de aeroportos, uso obrigatórios de máscaras e outras medidas foram tomadas a fim de mitigar a pandemia, que no Brasil causou mais 600 mil óbitos.

experiências de sujeitos reais, articulados a narrativa ficcional com a escrita antropológica. A partir desse contraste, aspectos da experiência com entorpecentes nos aludem para a “representação” dos corpos como esfera de múltiplas sensações e de que é possível irromper moralismos, e que não necessariamente é preciso patologizar usuários-agentes, ou apontar ausência de saúde.

Na seção seguinte *Corpos, sujeitos e saúde: entre agenciamentos, resistências e processos de subjetivação*, temos acesso ao capítulo *Saúde mental, regimes de visibilidade e políticas de reconhecimento entre mulheres maduras que se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres*, da pesquisadora Jainara Gomes de Oliveira, pesquisadora vinculada ao Núcleo de Antropologia do Contemporâneo (TRANSES), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e docente do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Neste, a autora busca refletir, em um diálogo expressivamente assumido sobretudo a partir de Judith Butler, sobre os processos de composição de injustiças sociais nos corpos de mulheres entre 40 e 62 anos que não necessariamente se identificam como lésbicas ou bissexuais. A partir de tal recorte, Jainara tensiona os regimes de visibilidade em sujeitas sexualizadas e generificadas que fraturam e tensionam os modos como seus corpos são codificados.

No capítulo *Algumas considerações sobre a pesquisa antropológica na interface com saúde mental e medicalização*, o antropólogo Rui Massato Harayama, docente do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), reflete sobre os desdobramentos de novas biotecnologias de saúde atreladas ao campo da saúde mental. A partir da própria realidade imposta pela Covid-19, sobretudo em 2021, ano em que o autor contextualiza como tendo um crescente número de diagnósticos do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), a delimitação dessa espacialidade e situacionalidade, na qual se discutia em reuniões virtuais a também crescente prescrição de medicamentos, permitiu que Harayama visualizasse como esse cenário fomentou um rearranjo daquilo que se entendia por saúde, mente e subjetividade e de como esse debate também tenciona o modo como a própria antropologia tem pensado a saúde mental.

No capítulo seguinte *O Sagrado e a Saúde: Intermedicalidade, Sobreposições Émicas e Agência entre os Kaingang no Oeste Catarinense*, os antropólogos Arí Ghiggi Junior, pesquisador vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Flávio Braune Wiik, docente da Universidade Estadual de Londrina (UEL), refletem sobre a noção de intermedicalidade a partir de suas respectivas atuações junto aos indígenas Kaingang, localizados no estado de Santa Catarina. Ao apresentarem os modos como saberes e

cuidados com os corpos são realizados pelos Kaingang, aludem à uma expansão das formas de cuidado e da própria concepção de saúde, doença e corpo.

Na terceira seção, intitulada *Corpos, sujeitos e saúde na perspectiva das dissidências sexuais*, acessamos a contribuição do médico Vinicius Vicari, doutorando em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e da antropóloga Laura Cecilia López, docente do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), intitulada *Das (des)construções ao reconhecimento do gênero: narrativas e corporificações de Pessoas Trans*. A partir de um diálogo empreendido com pensadoras transgêneros, como Raewyn Connell, Bruna Benevides e Sayonara Nogueira, os autores discutem como, no contexto brasileiro, há uma destituição de visibilidade de sujeitos/as LGBTQI+, sobretudo, a partir da patologização dessas vivências de gêneros e sexualidades imbuídas nos altos da década de 80 do século XX com a epidemia de HIV/AIDS.

Em *Ocupar sem pertencer: a experiência de um corpo trans no programa Bolsa Família*, de Daniel de Souza Campos e Ludmila Fontenele Cavalcanti, ambos docentes da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e Marcos Antônio Ferreira do Nascimento, pesquisador da Fiocruz/RJ, os autores apontam diversos atravessamentos vividos por Dandarah, mulher trans negra, beneficiária do Programa Bolsa Família, no município do Rio de Janeiro. A dificuldade experienciada por pessoas trans no Brasil quanto ao reconhecimento do e pelo nome social produzem, nas instituições, um apagamento da subjetividade e à ausência de mecanismos que reconheçam e respeitem as identidades de gênero, sendo reverberada, não de modo diferente, no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).

Na última seção, *Corpos, sujeitos e saúde nos enlaces entre gênero, maternidade e filiações*, três capítulos encerram a obra. No primeiro, intitulado *Maternidades ameaçadas: um estudo de com mulheres diagnosticadas por Zika vírus no semiárido sergipano*, as pesquisadoras Sheylla Acácio dos Santos e Patrícia Rosalba Salvador Moura Costa, ambas da Universidade Federal de Sergipe (UFS), e o pesquisador Thiago Barcelos Soliva da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), discutem as experiências de mulheres-mães acometidas pela infecção do Zika vírus e dos dilemas experimentados em torno do cuidado de seus bebês diagnosticados com microcefalia.

No capítulo *Corpo e saúde de mulheres racializadas: diálogos entre arte, decolonialidade e fenomenologia*, Mércia Gomes da Silva, docente e supervisora de estágios em Psicologia na Universidade Paulista (UNIP) e Breno Oliveira Ferreira, docente do curso de graduação e

Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), problematizam o modo como a construção das políticas em saúde são historicamente uma (re)produção da negação de alguns sujeitos como humanos, sobretudo corpos racializados e sexualizados, como de mulheres negras.

Por fim, no capítulo que encerra a obra, intitulado *Filiação em famílias não heterocisgêneras: possibilidades legais e confusões conceituais*, a pesquisadora Anna Carolina Hortmann Amorim da UEMS e o pesquisador Keo Silva, doutorando em Educação pela UFSC, articulam o debate em torno de Direito, parentesco, gênero, sexualidade e família. Ao longo do texto, os pesquisadores buscam analisar como os documentos que dispõem sobre a declaração de nascidos vivos têm nuançado as questões de parentesco, orientação sexual e identidade de gênero a partir do tensionamento entre confusões conceituais em famílias não heterocisgêneras.

Longe do intento de esgotar o debate presente ao longo de cada capítulo, destaco que a obra, ao propor o entrecruzamento entre Corpo(s), Sujeito(s) e Saúde em uma perspectiva trans e interdisciplinar, e interinstitucional, se constitui como um instigante convite à todas e todos interessados nas temáticas que atravessam a coletânea. Além disso, vale a pena destacar o compromisso ético-político de cada autora/autor com as problemáticas apresentadas.

Com efeito, além de nos aludir para aspectos plurais de corpo(s), em que cada autor tem suas escolhas teórico-metodológicas, pensando o(s) corpo(s) para além de uma categoria essencial e/ou monolítica, a polissemia e a interconexão são transparecidas ao longo de cada capítulo. Afinal, é possível pensar o processo de autoria, o corpo que escreve, sem pensar o sujeito? Como nos acena a própria concepção antropológica de “pessoa”, “ele” é sujeito atravessado tanto por experiências quanto por conhecimentos (BASTOS, 2011). Neste sentido, pensar corpo-sujeito, tanto com relação aos/às autores/as, nos/as interlocutores/as e processos que dão contorno à obra, é pensar na experiência de si e do mundo (SOUZA; SOUZA, 2017), a partir de afetações e experiências concretas e situadas, onde o cruzar interdisciplinar é cruzar mundos outrora inexplorados.

Essas posicionalidades ao longo da obra, provenientes de distintas formas de experienciar a vida vivida por parte das autorias, vai ao encontro de um olhar polido e localizado, como nos acena Donna Haraway (1995). Ao polir o olhar e se permitir estar em um rizoma com esses outros mundos existentes e possíveis de serem vividos para além de seus pares, autores/as e interlocutores/as se afetam e produzem juntos e juntas uma

amálgama cooperativa em que a produção corporal (HARAWAY, 1995) do outro é fabricada, isto é, o outro é um produto também localizado — e verticalizado — dos nossos saberes. A autoria é corpo-sujeito dizendo sobre outros corpos-sujeitos, a partir de filtros relativos, locais e situados.

Um dos aspectos que mais chama atenção na obra, sem sombra de dúvidas, é a capacidade de o(s) corpo(s) ser(em) produzido(s) em articulação, aspecto o qual parece ser gritante em todas as seções, seja em menor ou maior grau, no contraste obviamente entre saúde e modos de subjetivação(ções). Na primeira seção, as produções do(s) corpo(s) parecem advir de um processo de embate com o “outro”, seja esse “outro” humano e institucional, na figura do SUS, por exemplo, seja ele um desejo externo de otimizar as sensações (entorpecentes). Na segunda seção, os corpos são produzidos por codificações aplicadas aos sujeitos e sujeitas ou por meio da otimização, a partir dos cuidados e religiosidades. Na terceira seção, o processo de produção é oriundo de articulações de (in)visibilidade das dissidências, ao passo que na última seção a produção dos corpos são confrontados com os emparelhamentos dos sistemas de saúde.

É notável, portanto, que em momento algum a obra endossa aspectos ontologizantes do(s) corpo(s). Ao contrário disso, vê-se que a coletânea tem uma estreita aproximação com o pós-estruturalismo, ao considerar a extensão entre *corpo(s)* e *sujeito(s)* tanto à luz do social, analítico, quanto a partir de uma dimensão paradigmática e epistemológica, não compreendendo-os como sinônimos. Sobre esses aspectos, Sônia Maluf (2013) sinaliza a importância de uma antropologia do corpo e do sujeito, por meio de uma ótica que se distancie de uma compreensão ontológica e essencialista e dos fatalismos empreendidos na cisão corpo e mente, ou mesmo na possível redução de *sujeito* à noção de pessoa, corpo e indivíduo.

Os debates entre corpo(s) e saúde no contexto antropológico, quer a partir da Antropologia do Corpo, quer pela Antropologia da Saúde, ou mesmo que seja a partir da fruição de ambas, há muito já têm nos sinalizado sobre a pluralidade desses conceitos e campos, confluindo diversos saberes na produção não só do(s) corpo(s), mas também da subjetividade. É preciso lembrar que a obra não se reduz às discussões realizadas estritamente no contexto antropológico, pois é composta por pesquisadores e pesquisadoras de diversos campos disciplinares.

Destarte, o empreendimento ao qual a obra se propõe é de grande contribuição socioantropológica e de um compromisso político e acadêmico avultado. Socioantropológica pois, para além das reivindicações e de denunciar as mazelas de

grupos destituídos de poder (negros/as, LGBTQI+, mulheres, indígenas), os trabalhos conseguem apontar possibilidades de emergências e um chamamento das instituições para tessituras conjuntas entre elas, esses/as sujeitas e academia. Política e acadêmica, porque a noção de cidadania, que afere o estatuto de agente político, não se desvincilha da condição de sujeito que compõem cada pesquisadora/or da obra, os quais utilizaram seus recursos possíveis não para representar, mas tecer *com* os/as sujeitos/as que não se reduzem a interlocutores/as, mas como agentes que possibilitaram trocas, afetações e reavaliação de seus lugares enquanto pesquisadores/as.

Política e acadêmica, ainda, porque transpõe os muros das universidades, e visualiza sujeitos reais que tonificam, com seus trabalhos e inserções, as possibilidades de que as pesquisas nas Universidades Públicas sejam realizadas e publicamente circuladas, a partir de uma relação interinstitucional, levando a cabo debates atuais de modos sofisticados e menos endogâmicos e fechados em si mesmos, como nos acena *Diálogos contemporâneos sobre Corpo(s), Sujeito(s) e Saúde: perspectivas cruzadas*.

Referências

CSORDAS, Thomas. A corporeidade como paradigma para a antropologia. In: CSORDAS, Thomas. *Corpo/Significado/Cura*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. p. 101–146.

HARAWAY, Donna. Saberes Localizados. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995.

MALUF, Sônia Weidner. Por uma antropologia do sujeito: da Pessoa aos modos de subjetivação. *Campos—Revista de Antropologia*, v. 14, n. 1-2, p. 131-158, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SOUZA, Klédson Tiago Alves de; SOUZA, José Francisco das Chagas. Corpo-próprio: de corpo-objeto à corpo-sujeito em Merleau-Ponty. *Problemata—Revista Internacional de Filosofia*, v. 8, n. 2, p. 48-56, 2017.

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Esmael Alves de Oliveira por ter me oportunizado conhecer uma obra tão potente e exitosa, bem como pela curadoria da resenha. À mestranda e colega Luciana Assiz pelos auxílios na revisão de formatação.

Financiamento

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por fomentar minha(s) pesquisa(s) e possibilitar que, na condição de bolsista, eu consiga expandir e me dedicar às publicações, produção e potencialização da ciência.

Recebido em 23 de setembro de 2022.

Aceito em 10 de janeiro de 2023.